

# Regenerador Liberal

SEMANARIO MONARCHICO

**ASSIGNATURA**  
 Em Ovar (anno) . . . . . 48000 reis  
 Com estampilha (anno) . . . . . 15200 reis  
 Para fora do reino accresce o porte do correio.  
 Anunciam-se obras litterarias remetendo-se dois exemplares  
 Redacção e Administração—R. da Graça, OVAR

**Director e Proprietario**  
**AMADEU PEIXOTO PINTO LEITE**  
 Composição e impressão—Typ. do OVARENSE  
 —\* Rua da Graça—OVAR \*—

**PUBLICAÇÕES**  
 No corpo do jornal, a 60 reis a linha, largura d'uma columna  
 Anuncios e communicados, 50 reis; repetições 25 reis  
 Anuncios permanentes, contracto especial  
 Os srs. assignantes teem o abatimento de 25 por cento  
 Preço de cada jornal avulso 20 reis

## A politica

### COUSAS AMARGAS

E' medonha a situação da nossa patria. Presentemente a ninguém resta sombra de duvida sobre a nossa desgraçada situação economica e financeira. O desnorreamento politico é um axioma, e uma crise geral affecta todos os ramos da actividade nacional.

Tudo isto desanima os fracos, mas deve incutir denodo em todos os temperamentos energicos e fortes, onde ainda se acoita uma parcella de patriotismo e abnegação.

«Isto não pode continuar assim», disseram os franquistas.  
 «Não pode isto assim continuar», bradaram os makavencos.

«Isto não deve continuar», mugira, nos dois momentos de vida da politica Campos Henriques. «Não póde continuar assim isto» exclamam hoje os Wencelanistas ou violistas actuaes.

«Não ha-de continuar assim», berraram, berram e hão-de berrar, por todos os cantos do paiz, os nossos republicanos.

E a nação, a força de ouvir a mesma ária, no realejo de todos os partidos, vae-se convencendo da philosophia do caso, e cruza os braços, tambem philosophicamente, deante do peripassar do destino providencial ou fatal dos acontecimentos, aguardando, indifferente e desalentado, tudo o que vier.

No meio da indifferença do povo e da intriga e paixão politica dos partidos, Portugal, como um moribundo de olhos em alvo na phisionomia acariciadora dos medicos salvadores da barca governamental, ora se deixa avassalar pela esperança de salvação, ora recae, possuido d'um fanatismo musulmanico, na madorra d'uma descrença geral.

Quem ha-de avigorar esta patria decadente e tão falha de patriotismos dedicados e desprendimentos authenticos?

Ancieia ella reencontrar quem administre com honestidade e escrupulo os dinheiros publicos tão magros já, quem tenha pulso forte para poder inutilisar os processos desacreditados no dirigir d'um povo; quem corte cerce as habilidades desleaes e perigosas do equilibrio governamental que põe um pé na monarchia e o outro na republica.

A nação, a cõrtes dem achado, requerer a extirpação, effectiva e efficaz, dos habitos ruins e tão enraizados na engrenagem viciosa da nossa administração actual.

A administração, elemento

basilar da prosperidade nacional, continua n'uma lastima, prestando-se a todo o genero de irregularidades, descaminhos e falcetruas.

E Portugal ainda estava em tempo, se a noção de patriotismo não estivesse circunscriptas á ideia de arranjismo, ainda estava em tempo de caminhar com tenacidade e competencia, por uma vida nova de progresso e moralidade, vida que não fosse o sobresalto continuo e agitado d'estes tres ultimos annos.

Portugal tem atravessado e atravessa uma phase dolorosamente critica de ha dois annos a esta parte.

Os fundos publicos não inspiram confiança, a divida augmenta e o credito nacional fraqueja.

A agricultura, o commercio e a industria, se não estão em estado desesperadõr, pouco melhor estão, que pessimos.

Onde distinguimos nós as medidas criteriosas, acertadas e previdentes, da parte dos nossos governos, tendentes a fomentar o progresso e a prosperidade da economia nacional?

Quem tem olhado, com solicitude e affecto, para as nossas desgraçadas colonias, dando-lhes uma organização moderna, estudando uma multiplicidade de problemas que as devem prender ao bem estar da metropole, sem descurar o interesse que d'ahi havia a esperar para ellas e para o paiz?

O nosso exercito, amesquinhado pelas picuinhas pessoas e politicas de tantos Christos e Barachos, sem material nem munições regulares e sufficientes, sem estudo profissional adequado á nossa epocha, muito longe de poder aproximar-se e rivalisar na tactica e manejos bellicos com as nações cultas, de que mais serve do que para ostentar paradas faustosas, para exhibir fardamentos e espadas lusidias?

Se não fosse o esforço pessoal do nosso soldado tão soffredor e audaz, e a competencia disciplinar d'uma boa parte da nossa officialidade. Portugal, pelo lado material do seu exercito, nem com negros selvaticos e indisciplinados do sertão africano, em condições de superioridade, se poderia batar!

O problema da instrução publica, necessita d'um forte impulso que solevante o nivel da educação nacional, tão deprimente nos seus actuaes processos e tão mesquinha nas suas aspirações. E só assim se poderá apagar a nódoa vergonhosa d'um analfabetismo inconcebivel. Mas longe d'isto tem a educação nacional descarrilado da esphera da sua acção, envolvendo a politica no pedagogismo, amalgamando, no mes-

mo bolo de odios, os processos de ensino com os principios religiosos, misturando a crença com a politica, levantando um duello entre Campolide e os lyceus lisbonenses.

Mas quem desviar, por um instante os olhos de sobre estes e muitissimos outros problemas de interesse publico, e os deixar cair, enojado, sobre os arraiaes da politiquice portugueza, oh! que enorme montureira, onde se junta e tem fermentado tudo o que de mais asqueroso tem escorrido das sargetas de todos os partidos. E' uma vergonha nacional.

Viu-se passar deante de nós, como n'uma fita cynematographica, após a tragedia do terceiro do Paço, tres governos inuteis e ineptos, que commodamente se teem refestelado nas cadeiras do poder e da gloria, nada mais fazendo no parlamento do que largar a sua piadinha soez, endereçada particularmente a um inimigo politico que faz sombra, ou fazendo passar, n'um mistiforio de discussões e cadeiras partidas, todos os projectos, sem os estudar, sem os ponderar e sem lhe prever as consequencias comprometedoras para o thesouro nacional.

Ferreira do Amaral limitou-se a comprimir as bochechas de rancõr, carregando a sobranceira aos franquistas e catholicos, apellando para a sua espada de almirante, e piscando, furtivamente o olho aos republicanos, entre dois arrotos makavencos de jantares bem regadinhos.

Campos Henriques, não passou de um novêlo de estôpa enigmatica e aerea, que, em dois dias, a chama do odio partidario evaporou e reduziu a cinzas. Poderia fazer alguma coisa de geito? Mas cousas problematicas estão fora da discussão. Foi uma rosa de Malherbe no canteiro florido dos ministerios portuguezes.

Wenceslau de Lima, que pretendeu entrar com o pé direito na Casa do Parlamento, indirectamente tem-se feito o cumprimento mais audaz n'este baquear da honestidade e dos escrupulos politicos d'uma nação sem norte e sem tino governamental.

E por mais que os republicanos tentem deitar agua na fervura, para levar a agua da opinião publica ao seu moinho, Portugal apresenta todos os symptomas d'uma doença epidemica que ha-de corroer-lhe todas as fibras do organismo politico, ruindo, mais cedo ou mais tarde, sob os escombros d'uma guerra civil.

E a uma guerra civil estamos nós já assistindo, guerra civil encarniçada e titanica, travada não braço a braço, na de-

fesa d'um direito ou d'uma prerogativa, mas travada, espirito contra espirito, n'este amalgame de contradicções e de odios que constitue a atmospheria moral em que vivemos atufados e perdidos.

Como se poderá restabelecer a ordem na sociedade portugueza tão desordenada, senão pelo restabelecimento do equilibrio mental, tão desequilibrado?

E sendo o governo, bom ou mau, d'uma nação o thermometro graduador do progresso ou retrocesso d'um paiz, que governo bom, teremos nós à mão, capaz de desviar a nossa patria do mau caminho por que vae enveredando?

O governo democratico, ou o governo monarchico?

Com a republica sanar-se-hão os velhos processos de administração, lançar-se-ha ao ostracismo a mania do favoritismo e dos alcances?

Quando «despontar, n'uma fulgurante aurora, o sol radioso da liberdade» republicana, poder-se-ha aquecer a esse sol benigno o povo portuguez, encharcado até aos ossos de dividas, de contribuições e de miserias?

E pôr-se-ha, desde esse momento, a ler, a trabalhar, a realisar os seus sonhos, a comprehender os seus direitos, a cumprir os seus deveres sociaes, a governar-se, a progredir?

Um presidente sentado na cadeira d'um rei poderá fazer surgir d'este pantano de interesses e desgraças, o bello nutinar da regeneração nacional? Jamais!

E desgraçada patria, se por teu e nosso mal, ainda tiveres de soffrer que te levante a pelle tão martyrisada já, mais esse caustico, como supremo e heroico esforço empregado no restabelecimento da tua saude de entrevado, senão de muribundo.

O partido monarchico, preso, pelos laços do sangue, da historia e dos seculos, à tradição d'uma patria que foi grande e nobre entre as mais nobres, despido de todos os preconceitos de partidos, accommodado às condições do meio e da epocha, deverá salvar ainda este velho e desgraçado paiz.

Tem, para isso, faltamente de resurgir um governo recrutado no grande número de homens sérios, honestos e sabedores, que felizmente ainda possuímos, afim de implantarem na administração a ordem e a moralidade; de resistirem a essas facções que entravam a marcha dos negocios publicos; homens honestos e sérios que possam desprender-se d'essa chaga sangrenta de correligionarios que os assailem de todos os lados na hora risonha da

fatura, exigindo o cumprimento de promessas politicamente nocivas e compromettedoras.

Tem de reaparecer um governo que se imponha, que trabalhe contra tudo e contra todos, contra os inimigos que maisinam e contra os amigos que bajulam e engordam; tem de resurgir um governo que se imponha a regeneração moral e economica do paiz, creando em redor de si uma atmosfera politica propicia ao interesse da nação, tranquila para o engrandecimento do paiz e civilisadora para o bem da humanidade.

X X

## Em poucas palavras

### Porque mataram Ferrer?

Dil-o o importante diario de Madrid «A B C» n'estes termos:

«Com agravo á verdade tem-se espalhado pelo mundo que aqui em Hespanha, se matou Ferrer pelas suas opiniões e pela sua propaganda quando os que tal espalham sabiam que morreu por ter realizado factos que os códigos punem com a morte aqui e em todos os paizes, sentenciado por um tribunal tão respeitavel pela sua origem e pelos individuos que o compuzeram como o que mais pôde sel-o.

Onde, em que nação tem tido o pensamento maior ou tanta liberdade para exteriorisar-se, como em Hespanha? Em parte alguma; e a prova d'issoahi está para testemunhal-a a celebre «Escola Moderna» e outras muitas de igual indole, que livremente puderam predicar durante annos e annos, tanto sob o governo de liberaes, como de conservadores, não já theorias politicas mais ou menos avançadas, mas monstruosidades contra a sociedade, a humanidade, contra quanto constitue os fundamentos da ordenada vida dos povos, da civilização moderna, da propria existencia da patria.

N'ellas se ensinava que a industria, o commercio e a propriedade são palavras que disfarçam o roubo; que a bandeira é um trapo repellente; assassinos os soldados e officiaes; Deus um espantalho; n'ellas se predicava, como aspiração suprema, a destruição de todo o existente, o assassinio de todo o homem publico, mesmo quando fosse justo e innocente; o extermínio de quantos compõem as comunidades religiosas, a violação das freiras, para tornal-as mães, e como meio, o incendio, os explosivos, o assassinio, o saque.»

Os republicanos e liberaes portuguezes, ao defenderem Ferrer, approvam e advogam as mais repellentes das infamias, violencias e baixezas.

Combatel-os, pois, sem treguas nem quartel é dever de todo o homem de bem.

### Homem Christo

«Alguem nos contou—diz a «Liberdade»—que no Paço depois do jantar passando-se á sala de bilhar para o café e o fumo, el-rei D. Carlos, indicando com o gesto o capitão commandante da guarda, perguntara a um dos convivas:

—Conheces?

—Não, meu senhor—respon-

deu o interpelado.

—E' o Homem Christo, republicano indomavel.

—De guarda a El-rei?

—Não tenho o menor receio. E' tão intransigente nos seus principios, como leal nas suas acções. Capaz de combater-nos de frente, é incapaz de me ferir á traição. Cumprirá o seu dever militar.—

E é a um homem d'estes que a republicanagem chama desqualificado!

E' que essa gente professa o maior desprezo pelos homens de principios, leaes, incapazes d'uma traição, escravos do escrúpulo cumprimento dos seus deveres.

Por isso não raro a vemos ahi a turibular homens que são a deshonra d'um partido e a vergonha da sociedade.

Por isso ninguém ahi se espantou de que essa mesma republicanagem viesse um dia prégar nos comícios e nas gazetas:—nós somos a canalha!

Velai a face, ó pequena minoria de republicanos inteligentes, bons e sinceros!

### Em Lisboa

Pretende a Camara municipal de Lisboa dar o nome de Ferrer a uma das ruas da capital, dizendo que é esse o desejo de toda a população da cidade.

Pondo de parte a refalsada mentira de que isso seja do sentir de toda a cidade, nós aqui protestamos contra o pepinal esquecimento e desprezo das glorias nacionaes, para mediante as esquinas dar consagração e memoria perenne ás glorias estranhas.

Para um Ferrer temos um... João Brandão! A sociedade deve-lhes igual affecto, mas nós como portuguezes devemos dar a preferencia ao que é nosso.

Aqui fica, pois, o nosso protesto contra a desarisada e anti-patriotica pretensão da camara municipal dos... pepinos de Lisboa.

## Ao «Jornal d'Ovar»

Em face da carta publicada no «Jornal d'Ovar» pela firma commercial «Pinho e Irmãos» e que julgamos veridica, damos por finda a questão aqui tratada, lamentando que tanto o seu signatario como o sr. P.º Vinga não tenham ha mais tempo e espontaneamente feito a publica declaração que agora fizeram obrigados.

Appareceram tarde com a verdade que desde o principio devia proteger a honra d'um nome e salvaguardar a moralidade d'uma campanha jornalística.

Até que emfim pela bocca do sr. Costa e P.º Vinga está desmentido o boato que dava a guerra do «Jornal» contra a associação de Sales como vingança por causa d'uma cera.

Saibam-n'o todos:

Não ha tal vingança, porque tambem não existe o motivo que se disse geral-a. Bem!

Posto isto, a nossa contenda com o «Jornal» como resultante

d'uma causa que cessou ante o nosso espirito, findou igualmente.

O «Jornal», apesar de chamar «grandiosa... de efeitos bons e salutaes» á obra de S. Francisco de Sales, guerreia-a sem espirito de vingança?

E' porque tem razões plausiveis para isso, como por exemplo, abusos, etc.

E então o nosso dever, depois de convenientemente elucidados sobre o nosso erro por quem podia e devia, é escutal-o.

Já estamos caladinhos a ouvir o «Jornal».

Caladinhos e quietos.

### HORAS D'OCIO

N.º 6

Aos que me lêem peço a resposta á seguinte pergunta que me fazem:

N'um dado momento em que o grande explorador se achava no polo Norte, tinha 42 annos, 3 mezes, 4 dias e 19 horas; que idade teria elle ao chegar ao polo Sul, se no tal momento para lá partisse, em linha recta, em um comboio sem paragens, e com a velocidade de 36 kilometros.

Resposta ao n.º 5:

Mataram toudos, ou sejam 54

Figueira.

M. E.

## De binoculo

(Conclusão do n.º passado)

Desde essa hora nefasta, o fórte de Montjuich tornou-se n'um «covil de chacaes e antro de hienas».

Se a «Patria» quizesse ter a bondade de nos provar e demonstrar que papel activo teve na condemnação de Ferrer o clericalismo hespanhol; se a «Patria» ao menos nos quizesse dizer, com argumentos, que acção, directa ou indirecta, proxima ou remota, desempenhou o clero hespanhol na decapitação de Ferrer, ouvil-a-iamos serenamente, discutiríamos os argumentos e viríamos por fim a um accordo rasoavel. Mas a «Patria» berra, grita, barafusta e gesticula sómente. Não pensa, não medita, não põe em acção a massa encephalica; deixa-se arrastar pela electricidade do odio a tudo, doirando a pilula com uns laivos de humanitarismo piegas.

Assim não se faz nada.

Os ferreiros causticam-nos os ouvidos com os ferros velhos d'aquelles adjectivos bombasticos da Velhice do Junqueiro, reeditados por Gomes Leal e hoje já tão escorregadios e bolorentos.

Hespanha, beata, terra de *balcões*; Montjuich, sombra mesta, *covil de chacaes, antro de hienas*, a Sé ao pé de *Locusta* e outros palavrões ôccos da litteratura revolucionaria de ha 30 annos.

Ora bôlas. Isso além de ser uma velharia, é, para me servir do termo republicano, um adiantamento.

Não devemos appropriar-nos das palavras dos mestres, mas tão sómente das lições. Apanhar as phrases feitas, é um roubo.

Depois de nos traçar os contornos da Hespanha actual, mette-se, de longada, a cinzelar o perfil de S. Ferrer, santo e martyr.

O *apache* da ideia, da revolta, da maçonaria, do dynamite, do anar-

chismo, da ladroeira de heranças, do acratismo intellectual, que pretendera dar com tudo em pantana, é divinizado, como um verdadeiro santo, como um S. Francisco d'Assis, como um S. Francisco Xavier.

Ferrer, *assassinado ancião, na universidade glorificação, innocente, viril, impavido*, «de sangue a abraçar a eternidade», «martyr da ideia» a «viver o destino de propagar a luz», de combater o abuso», «de dar caça ao erro»—e no fim de contas a praticar sempre muitas *torpidades*... a propagar a luz do roubo, do incendio, do assassinio, da violação dos cadaveres em Barcelona etc.; a engrandecer o ensino fazendo da escola não um *covil de chacaes* mas um antro de revoltados, anarchistas e acratas, um bando de anti-patriotas.

Quanto aos *martyres da ideia* que os *seculos tem visto*, posso garantir que muitos mais se hão de ver por este mundo de Christo em quanto não se vulgarisarem mais os hospitaes de Rilhafolles.

Se lá estivessem todos os *martyres da ideia* portugueza teriam gorado muitas ninhadas de poetas. Pois tinham, tinham!

Maura tambem cóme a sua pastilha na poesia-énigma. Só n'um periodo e n'um verso alexandrino (oh força da concisão) estereotypa toda a individualidade de Maura:

«Maldita seja, ó Maura, a tua vida—guano.»

Maura, guano, a rimar com humana, fica uma coisa tão mal cheirosa como o dito verso transcripto.

Se ao menos se tratasse d'aquelle guano que os candores semeiam pelas encostas dos Andes, teriam os mestres das escolas moveis nocturnas bello thema para dissertar sobre a utilidade d'esses productos chimicos sobre o atrazado emprego do caranguejo na cultura dos nabos e das batatas.

O pobre Ferrer da «Patria» andava ás escuras pelo *caminho santo* (verso 75)

«e de punhal na boca espreitam-o, a um canto, um padre e um rei:—dois malfetor's para o (matar»

Ora aqui estão dois alexandrinos que valem duas cascas d'alhos.

O primeiro verso, onomatopaico, se fosse recitado n'uma sessão nocturna do centro republicano era soberbo. Devia dar a impressão de que se estava prestes a entrar n'um melcoal e que o guarda quadrupede descobria os assaltantes:

«..... espreitam-o a um»

Um simples n *estripava* a cacaphonia e tudo ficava bem.

Ora um padre e um rei espreitam-n'o:

«..... para o matar para o infamar—os saltador's, para o roubar.»

E' assim como lhes digo. Ora leiam o tal epicedio á morte de Ferrer, que lá vem isso tal qual.

São os versos 76, 77 78.

Ninguém intende nada d'aquelle *nephelibatismo*, tão péco de sentido o tão abandonado de grammatica. Todos querem ser escriptores e depois vemos esta syntaxe tão patusca.

Ai! moleta, moleta, da Rua das Pontes! que punhas todos esses escribas n'um badanal se tivessem de fazer o 2.º grau.

«um padre e um rei:—dois malfetor's para o (matar»

E' o verso 77.

E' do tamanho da legua da Povoada. Isto de metrica, vai a olho; é mais palmo, menos pollegada.

Dois malfeitores para o matar; para o infamar—os salteadores, para o roubar.

Que mistiforio de prosa rimada, pi-careasca e maçadora.

Parece mesmo a lenga-lenga da Nau Catharineta.

Oh! Iyra Iyra que parece um trombone!

Pobre Ferrer! tenho pena de ti, por causa das pennas dos teus amigos e admiradores.

Mataram-te em Montjuich,

“E Nemesi não solta, aos ventos, louca a trança

E' o verso 81. O necrologista depois de amalidoar a Hespanha e os carrascos do anarchista indigna-se contra a deusa da justiça por ella não soltar a trança ao vento.

O poeta, fóra dos seus habitos modernistas, também conhece alguma cousa de mythologia grega.

Queria que Nemesi vingasse o santo martyr.

Mas outro articulista da «Patria» um sr. Trigueiro affirma que por enquanto ella não o pode fazer.

Pois diz na segunda pagina: «Mataram-no? Está de nojo a justiça.» O melhor é esperar que a justiça deixe o luto carregado para soltar a trança.

O tal sr. Trigueiro, de lagrima ao canto do olho: «Porque o perseguiram? Porque no-lo roubaram?... No fosso de um castello morreu quem em Hespanha foi um grande educador e o grande apostolo da bella moral anarchista.»

E' o jornal republicano a defender o anarchismo. Esta a «Patria» fóra do seu papel politico. Se Ferrer fosse um republicano convicto, se Ferrer espalhasse ideias politicas democraticas nas suas escolas, nos seus livros, na sua cathedra, era para louvar a attitudde dos republicanos portuguezes em geral e dos republicanos ovarienses em particular, nas suas lagrimas, nas suas palavras, na affirmação das suas convicções.

Mas divinisar, nas columnas d'um jornal politico, defensor de ideias democraticas, mas conservadoras, d'uma aggremação politica que pretende escalar o governo em Portugal, um homem que fazia gala do seu anarchismo e que, dentro do seu papel demolidor, estaria disposto a contraminar toda a acção d'um governo democratico, se a republica chegasse a substituir a monarchia em Hespanha, se não chega a ser um crime, é uma infamia, é uma loucura, é um desarranjo na móla intellectual de todos os republicanos ferreiros.

Que os apaches de todas as nações, que os bandidos que se dão pelo nome de acratas e anarchistas, fizessem manifestações pro-ferristas em todas as capitães, em todas as praças e em todos os comícios, comprehendia-se.

Que n'um órgão d'um partido republicano local se abandone a séria propaganda d'um partido politico, para descambar em odes pindaricas, em choradeiras, em maldições para soerguer um cadaver d'um bandido intellectual, não é uma torpeza, é um feixe de torpidades.

Que n'um jornal que devia ser serio, porque tinha obrigação para o ser, se fizesse politica nova, rebatendo os abusos da actual politica; que n'um jornal limpo se advogasse a liberdade de consciencia deixando cada um caminhar na esteira das suas crenças religiosas, sem metter a ridiculo a religião dos nossos avós; que n'um jornal honesto se separasse a religião da politica, e se separasse a politica do carneiro com batatas que tem dominado a nossa vida constitucional desde o desembarque de Mindello,

comprehendia-se. Esse jornal podia não despertar, pela sua orientação, as nossas sympathias, mas devia merecer, pelos seus processos de combate o nosso respeito e talvez a nossa estima.

Mas um jornal demagogo, sem orientação, sem merito, sem sciencia e sem auctoridade, andar a explorar a opinião publica com palavras sem nexos, sem orientação definida, isto é nojento, isto é a torpidade das torpidades.

Tem o n.º 78 da «Patria» artigos vergonhosos como «Mauritania», uma necedade inqualificavel; «Ferrer» um arrasoado d'um sr. Trigueiro que n'um jornal sem côr religiosa, depois de enaltecer a «bella moral anarchista» desembesta com um final de tres asobios: «derrabemos o Vaticano e a sua morte (de Ferrer) começará a ser vingada.»

Ora um trigueiro a semear, em vez de grãos de trigo, bombas anarchistas e injurias religiosas, ha de semear n'estas terras d'Ovar uma rica semente.

E como já vae longo toda esta verborrheia, saida dos bicos d'uma pena sincera, vou terminar o sermão.

Os escrivães-ferreiros da patria que fallaram em Loyola e no Vaticano, não se esqueceram também do latim.

Um principia por *Consumatum est*, outro, o das duzias e o do jeral começa *Deo gratias*.

Eu termino também em latim, latim do propheta David, que tinha muita philosophia e poucas palavras: *Domine intellectum da parvulis*.

Frei Lucas

## Verdades amargas

A situação precaria a que o paiz chegou, leva-nos a pensar maduramente a respeito do futuro que nos aguarda.

As ambições desenfreadas, em que directamente prepondera o egoismo mais revoltante, levou os chamados partidos historicos, a contemporisar com elementos revolucionarios e demolidores das prerogativas regias.

O medo, o povôr que lhes causa o Franquismo e o Nacionalismo, fel-os procurar arri-mo nas cohortes famelicadas de mando e poderio, a que irrisoriamente se alcunham de democraticas puras!

Triste fado, esse a que o archaismo politico portuguez se impoz!

Em vez de se penitenciarem dos seus erros passados, deixando recair a administração do reino nas mãos dos homens politicos que se lhe afastaram, uns pela hombridade de caracteres, outros pelo tedio que lhe causaram as manigancias arrapoadas, e ainda outros por que o seu temperamento não se coaduna com a celebre—brandura dos nossos costumes—fazem *finca-pé* e vão covardemente entregar-se encapotadamente nas mãos dos seus maiores inimigos, visto que continuam a dizer-se conservadores!

Seguindo par e passo os manejos, as transigencias e as covardias dos governos que teem presidido aos destinos de Portugal, n'este reinado, chega-se a comprehender, ou que são uns traidores ao Rei e à Patria, ou então esses homens precisam da sciencia... do dr. Bombarda!

Desde o nefasto governo Ferreira do Amaral até á data, a

canalha republiceira vem tomando um ascendente na capital, principalmente. Se não nos causa medo, comtudo poderá dar causas a serias alterações de ordem publica e mesmo a uma barcelonada terrivel.

Ora bem sabemos que no momento critico ha-de apparecer alguém que faça entrar isto no bom caminho, e Deus nos livre se tal não succedesse, por que então ia a pique a nossa querida nacionalidade; mas d'aqui até lá quanto havemos de observar de salamaques pseudo-monarchicos, commettidos por grupos de individualidades tão faltas de patriotismo que não comprehendem que uma mudança brusca de instituições, além de ser o cumulo do anti-patriotismo, era sacrificar um povo ignorante e analphabeto, mas bom, a uma carnificina escusada e cruel!

Uma cousa nos anima muito intimamente: o paiz vae acordando lentamente e ao passo que os verdadeiros amigos d'este amado torrãozinho portuguez vão acordando, o partido-regenerador-liberal vae engrossando nas suas já crescidas fileiras!

E quando será o dia em que elle erga a sua voz potentosa e diga—Alto lá!?

Campos Ferreira (Véritable).

## Echos de Vallega

Vamos dar ao leitor as explicações justificativas que promettemos:

Estas, que julguei necessarias para evitar equívocos e talvez escandalos, são tendentes a justificar os motivos que me levaram a fallar da Reforma nos ultimos «Echos». A' primeira vista poderia parecer ao leitor que eu justificava o apparecimento da Reforma, esse monstro horrendo que assolou tantos reinos e causou milhares de victimas; essa hydra de sete cabeças que abarcou em suas multipas dobras a Europa inteira; essa anti-religião «cujos dogmas foram esclarecidos com a polvora das granadeiras e provados com os morteiros e canhões». (1)

Não; não queria justificar a origem da Reforma protestante «que foi gerada por uma lascivia bestial, dada á luz pela hypocrisia e perfidia e alimentada com roubos, devastações e rios de sangue», como nol-o assegura Cobbet na sua historia da Reforma na Inglaterra. Para ella todo o meu protesto de catholico, apostolico romano.

Queria simplesmente mostrar quão sem-razão e ridiculo assistiam á «Patria» quando, em artigo do fundo, esparrinhava a sua bilis horripilante sobre o Vigario de Jesus-Christo na terra, o chefe visível da christandade, tentado arrancar-lhe o florão talvez mais estimado e querido da sua triplíce corôa: a infallibilidade.

Não terá esta gente mais que fazer, se não passar perante o publico um attestado comprobativo da sua (d'ella gente) inaptidão e loucura?!

Parece que não; mas n'esse caso pode aproveitar um conselho que lhe dá o «Jospin», sem ser conselheiro nem ter pretensões a tal, e é que vá (essa gente) plantar batatas, ou para um certo sitio cavar patas de burro. E' conselho d'amigo, e, porisso, gratis.

Vallega 29=X=909.

Jospin.

(1) Collier, pag. 166

## BOLETIM ELEGANTE

Regressou de Sabroza o nosso ex.<sup>mo</sup> director sr. Amadeu Peixoto Pinto Leite.

—Chegou á sua caza de Pom-bal o nosso illustre amigo sr. José Mathias da Luz com sua ex.<sup>ma</sup> familia.

—Passou na segunda feira o seu anniversario natalicio, o sr. Ludgero Peixoto, muito digno commerciante d'esta praça e irmão do nosso dedicado director.

—Tambem passou hontem as suas 13 primaveras a sympathica menina Maria Alexandrina de Abreu, filha do nosso predilecto amigo e correligionario sr. Antonio Augusto d'Abreu.

Os nossos parabens.

—Está em Ovar o nosso amigo Antonio Salviano Peixoto da Fonseca, primo do director d'este jornal.

—Tem passado mal de saude o recebedor d'esta Comarca sr. Antonio Valente Compadre.

Desejamos-lhe o seu prompto restabelecimento.

—Partiram de Lisboa para Maranhão, os nossos amigos srs. Joaquim e Albino Alves da Cruz, a quem desejamos uma feliz viagem.

## Noticias

### Suave milagre

Temos em nosso poder uns versos com este titulo, já de ha tempo, e que ainda hoje por falta d'espaco não podemos estampar.

Rogamos ao seu illustrado auctor nos perdê a demora.

### De Binoculo

Por motivo da sua grande extensão sahiu no numero passado apenas parte d'esse artigo, estampando-se hoje o resto.

Pedimos desculpa ao seu auctor de o darmos aos nosos leitores assim em dois trechos.

Pertence ao nosso distincto collega lisbonense «Diario Illustrado» o artigo que publicamos no ultimo numero com o titulo «Barril do lixo».

### Rectificação

O nosso ultimo numero sahiu com a numeração errada; é a 7.<sup>a</sup> e não a 6.<sup>a</sup> tiragem que fez depois da sua primeira.

Por isso este leva o numero 8 que lhe compete.

### Convocação

São por este unico meio convocadas a reunir-se no theatro d'esta villa, pelas 3 horas da tarde do dia 10 de novembro, os membros da comissão preparatoria e installadora da Misericordia afim de serem apreciadas algumas alterações feitas nos estatutos pelo Governo Civil.

Ovar, 28 de Outubro de 1909

O Presidente

José Luciano Correia de Bastos Pina.



# TELHA DE OVAR

(1)

Os preços da telha d'esta fabrica actualmente, tanto na fabrica, como no caes da Ribeira, ou em wagon na Estação do caminho de ferro de Ovar, são:

1.<sup>a</sup> 21\$000—2.<sup>a</sup> 16\$000—3.<sup>a</sup> 13\$500 reis

Isto sem desconto algum. Fabrica Largo do Martyr.

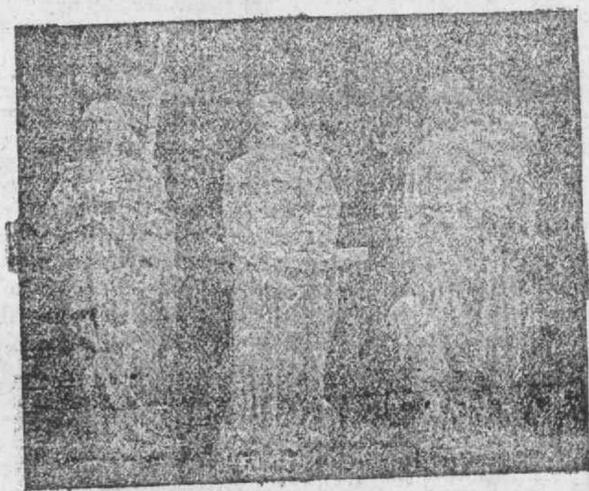
A sua resistencia eleva-se a mais de 100 kilos

## Escolha feita a rigor



PROPRIETARIOS:

Peixoto, Ribeiro & C.<sup>a</sup>



# AZULEJOS

José Pereira Valente, Filhos

RUA D. LEONOR N.ºs 114 A 134  
—VILLA NOVA DE GAYA—

DEVEZAS



Não confundir com a fabrica ceramica do mesmo logar Cuidado, pois.

Telephone, 279

Endereço telegraphico «Azulejos»

Louça para uso domestico em faiança e pó de pedra. Artigos de saneamento e decorativo.

Fabrico especial em azulejo fino a rivalizar com o melhor estrangeiro

Preços os mais convidativos (7)

Uma visita á (2)  
PHOTOGRAPHIA CARVALHO

R. do Passeio Alegre, 27 e 29

—\* ESPINHO \*—

Todos os trabalhos photographicos  
Retratos em porcellana  
Retratos coloridos e oleo, aguarella e pastel  
Retratos em esmalte, semi-esmalte e marfim  
Miniaturas a oleo para medalhas, e que ha de mais moderno e artistico. Effeitos de luz, novidades, etc., etc. Officina mechanica de cartoadagem photographica moderna.  
Ampliações e reproduções de qualquer retrato. Transformação de vestidos e penteados.

Preços sem competencia

ESPIGARDAS DE CAÇA (3)  
E TODOS OS APRESTOS

Esta antiga casa, tendo concluido as grandes obras que fez nos seus depositos e na sua loja, tornando-os mais vastos e mais confortaveis, recebeu o seu importante sortido de armas de caça, de todos os systemas e dos melhores fabricantes, de fabrico exclusivo para a Casa LINO, de sorte que em nenhuma outra casa será possível encontrar uma unica espingarda igual ás que esta vende.

Chegou tambem o sortimento de Cartuchos de caça e para tiro aos pom-bos—Accessorios de caça e pesca

Prana «Sparklets»  
Vibrador «Varno»  
Sorveteiras  
etc., etc., etc.

Casa Lino

40—Praça de D. Pedro—41

(4) Agua do Barreiro

Cura radicalmente a «anemia», a «chlorose», as «doenças de estomago» e «menstruações difficeis»

Deposito em OVAR: Viuva de SILVA CERVEIRA.

PAPEIS PARA FERRAR CASAS

(5) Das principaes fabricas estrangeiras, acaba de receber um variado e importante sortido ao deposito da fabrica de

Antonio Cardoso da Rocha

178—Rua de Santo Antonio—180

N'este deposito ha tambem grande variedade em papeis nacionaes, em todos os generos e preços, imitações de vitraux, de couros, cartões para estuque, bonds, pannels decorativos, etc., etc.

Vidraria S. Bento (6)

— de —

MANOEL ALVES BARBOSA

Praça Almeida Garrett, 20

—\* PORTO \*—

Especialidade em christaes, vidrarias diferentes, porcelanas, candieiros, louças estrangeiras e nacionaes e uma infinidade d'artigos pertencentes a este ramo.

Baguetes, caixilhos, espelhos, etc

(8) **Histogeno Llopis** Unico medicamento adaptado nos Dispensarios anti-tuberculosos, Sanatorios, Hospitales da Misericordia de Lisboa, Porto e Clinicas particulares para a cura da

**Tuberculose Diabetes Anemia Neurasthenia**

e doenças consumptivas em geral, que, abandonadas no seu principio, dão origem á tuberculose. O doente sente-se melhor com um frasco e curado tomando seis. Precaaver «contra os productos similares» que na pratica tem demonstrado se alteram, produzindo effeitos contrarios e prejudiciaes á saude.

Peça-se sempre o HISTOGENO LLOPIS unico que cura, unico inalteravel.

Para a cura da DIABETES preparamos o Histogeno anti-diabetico, formula especial de resultados seguros na cura dos doentes submettidos ao tratamento

Formas do HISTOGENO LLOPIS: Histogeno liquido; Histogeno granulado; Histogeno anti-diabetico. Preço do HISTOGENO: Frasco grande 1\$000 reis; frasco pequeno, gratis aos pobres dos Dispensarios.

Vende-se em todas as farmacias e drogarias. Representante geral em Portugal a Medicinal Drogaria, de Antonio Cerqueira da Motta e C.<sup>a</sup>, successor de Santos Caria e Sobrinhos, rua Mousinho da Silveira 115, Porto. Em Lisboa C. Mabony do Amaral, rua de El-rei, 73 2.<sup>o</sup>

(9) ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA E DEPOSITO DE GARRAFÕES

**MARQUES & ARAUJO**

— LIMITADA —

—\* Vendas por junto e a retalho \*—

Rua de S. João n.ºs 44 a 45—PORTO (Telephone n.º 616)

(10)

DENTISTA MECHANICO

**Candido Henriques da Silva**

Executa todos os trabalhos de Proteze dentaria, colloca dentes desde 1\$000 a 3\$500 reis cada sem o incommodo da peça vulcanisada. Trabalhos garantidos e perfectos.

Ovar, Largo dos Campos, Ovar